

Felicidade em copo d'água



**Pedro
Salomão**

Como encontrar
alegria até nas
piores tempestades

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

 **Planeta**

Felicidade em copo d'água

Como encontrar alegria até
nas piores tempestades



**Pedro
Salomão**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Pedro Salomão, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Bernardo Machado
REVISÃO: Renata Lopes Del Nero e Tamiris Sene
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Beatriz Borges
ILUSTRAÇÕES: Bruno Salomão

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Salomão, Pedro
Felicidade em copo d'água / Pedro Salomão. -- São Paulo: Planeta
do Brasil, 2023.
128 p.

ISBN 978-85-422-2131-2

1. Literatura brasileira I. Título

23-0671

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
e impresso pela Gráfica Santa Marta para a Editora
Planeta do Brasil em março de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	11
O SENTIDO É BRINCAR.....	16
ARTE É PONTE.....	23
NÃO TE CONHEÇO.....	28
CENTRO DE TREINAMENTO DE SUPER-HERÓIS ..	33
PRINCÍPIOS E PARTIDAS.....	38
INGREDIENTE SECRETO	42
MÃOS AO ALTO	46
ROUPA DE BRINCAR.....	48
MEU VIZINHO ESTÁ BRINCANDO COM	
A FILHA DELE.....	52
PESSEQUEIRO.....	54
MÁGICA!	59
PÊTALA.....	63
CINCO E MEIA DA MANHÃ	68
PIADA FORA DE HORA.....	72
EU NÃO SOU UM ROBÔ GIGANTE.....	77
CAPIRA	81
CABELO E BIGODE	85
DE FORA.....	91
NÃO VAI TER PROVA.....	95
CADA UM COM SEU AMÉM.....	98
PARQUE DE DIVERSÕES.....	104
O BOM DE SER BOBO	110
MENOR, MAS IGUAL.....	112
DANÇA, GATINHO, DANÇA!	114
A ARTE FALA	119
VOCÊ NÃO VAI MORRER AMANHÃ.....	122
ESCREVER REQUER....	126

O SENTIDO É BRINCAR

Eu-palhaço caminhava pelo corredor frio e silencioso do hospital.

Os sapatos enormes e vermelhos contrastavam com o piso cinza e sem graça. Eu e outro palhaço companheiro andávamos em direção à pediatria, até que uma enfermeira nos chama de canto e diz que há uma criança especial para visitarmos e nos guia até um quarto.

Ela nos explicou que o menino do quarto estava internado havia alguns dias e precisava brincar um pouco, pois andava muito tristonho; nos deixou sozinhos na frente do quarto.

Foi preciso colocar uma máscara de proteção e higienizar bem as mãos para entrar no quarto,

pois o menino estava com a imunidade baixa. Bati fraquinho à porta e a abri, devagar. A cena que vi me marcou profundamente: o menino estava sentado na cama, carequinha, usando uma máscara de proteção; devia ter por volta de três ou quatro anos, e nos olhou com curiosidade, assim como sua mãe, que estava sentada na cadeira ao lado do leito. Eu fiquei parado, sem entrar. O menino estava em tratamento de leucemia. O palhaço que me acompanhava era bem experiente e, quando percebeu que eu havia me abalado com aquela situação, tomou a frente e puxou a atenção deles. Mas eu não consegui, recuei, dei um passo para trás e saí do quarto, fechei a porta e comecei a chorar, ali mesmo no corredor do hospital.

Deixei o outro palhaço trabalhando sozinho com aquele menino, fui para a sala dos voluntários e tirei o nariz vermelho, depois a maquiagem, a roupa de palhaço, me vesti de Pedro e fui embora para casa. Aquele momento partiu o meu coração. Chorei mais um pouco em casa e passei a semana toda pensando naquela situação; eu nunca havia sido confrontado com a realidade daquela maneira e, quando aconteceu, fugi.

O sentimento de insuficiência por não poder resolver o problema daquele menino me angustiava! Por que um menino tão novo tinha um problema tão grande? Era injusto – e esses pensamentos e angústias me dilaceravam.

Uma semana depois nós voltamos ao hospital. Enquanto me preparava para começar o trabalho, eu sabia que precisava voltar àquele quarto e cumprir a minha missão. O grupo se abraçou como de costume, escolhemos as duplas, as alas do hospital que cada dupla seria responsável e partimos. Mas antes de ir para a ala que me foi designada, fui em direção ao quarto do menino; cheguei lá, higienizei as mãos, pus a máscara e me preparei para entrar. Quando eu bati na porta para entrar no quarto, o palhaço que estava fazendo dupla comigo viu que o celular estava tocando, disse que precisaria atender e perguntou se eu poderia fazer o trabalho desse quarto sozinho; eu disse que sim, entrei e fechei a porta.

— Olha, filho, o palhaço veio de novo! — disse a mãe.

Ele me olhou e sorriu. Eu comecei a contar uma história para eles, uma brincadeira que se transformaria em um truque de mágica, mas novamente fui

interrompido por um toque de celular, dessa vez o celular da mãe, que pediu um segundo para atender... e saiu do quarto.

Fiquei a sós com o menino e percebi que a história que eu estava contando não fazia sentido para um menino de quatro anos. Ele me olhava como quem esperava alguma surpresa da minha parte.

Então coloquei a mão no bolso e tirei uma bexiga comprida, a enchi e fiz uma espada para ele, que a pegou com alegria e bateu na minha cabeça. Eu fiquei muito bravo! – e ele caiu na gargalhada. Quanto mais bravo eu ficava, mais ele ria e mais forte batia na minha cabeça.

Peguei outra bexiga, fiz uma espada para mim e começamos um sério duelo. Ficamos alguns segundos brincando de bater as espadas uma na outra, até que a mãe dele entrou no quarto novamente, ainda ao celular, abriu um sorriso de surpresa pela nossa bagunça e disse alegre para a pessoa com quem estava do outro lado da linha:

— Miguel está muito bem, está brincando de espada com um palhaço.

Fiquei mais alguns minutos ali, conversando com ambos e deixei a espada de presente. Depois

disso, me despedi do meu novo amigo, de sua mãe, e fui embora.

Não sei explicar o sentimento que tomou conta de mim quando saí daquele quarto. Foi como se tivesse cumprido minha missão, como se minha vida tivesse finalmente encontrado seu sentido.

Na primeira vez que entrei no quarto do menino, enxerguei um problema tão grande e tão maior do que eu, que me senti insuficiente. Eu queria curá-lo, queria tirar sua dor e resolver seu problema, mas não sou médico ou cientista, sou palhaço, e minha missão como palhaço era brincar com ele.

A falta de foco e clareza da nossa missão nos atrapalha na realização das coisas. Naquele momento eu entendi o meu propósito. A enfermeira havia me chamado porque aquele menino precisava brincar, e sua mãe dizer “Miguel está muito bem, está brincando de espada com um palhaço” foi lindo, foi a recompensa de todo o trabalho, foi a sensação de dever cumprido.

Se eu ficasse me sentindo insuficiente perante o problema dele, não teria vivido vinte minutos de um duelo emocionante de espadas, regado a gargalhadas e alívio. Não teria distraído um pouco a mãe dele,

dado a ela a alegria de ver o filho brincar e se divertir, de ver o filho vendo bexigas coloridas, sentindo a infância, brincando com o palhaço.

Precisamos ter foco no que estamos fazendo, entender a finalidade daquilo.

Eu nunca mais o vi, mas sua gargalhada encheu minha vida de leveza; levei graça para ele e ele me devolveu em dobro, e é assim que a vida se faz, porque o sentido da existência é dar sentido à vida de alguém, é conseguir dançar na chuva e, apesar das tempestades, fazer felicidade em copo d'água.

